MACAÚBAS EM FOCO: INVESTIGAÇÃO DA AUTOPERCEPÇÃO DA VARIANTE DA OCLUSIVA (DES)PALATALIZADA PELOS MACAUBENSES

Sidélia Rêgo Reis
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/ CAPES), Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0007-7625-687X
Endereço eletrônico: sideliarreis@gmail.com

Vera Pacheco
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/PROFLETRAS/CNPq), Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7986-7701
Endereço eletrônico: vera.pacheco@gmail.com

Palavras- chave: autopercepção; (des)palatalização; sociofonética**;** variação linguística.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem por intuito apresentar o processo de (des)palatalização na cidade de Macaúbas, localizada no interior da Bahia, focalizando a autopercepção dos macaubenses quanto a esse fenômeno. Henrique e Hora (2015) sinalizam que o fenômeno da palatalização, enquanto assimilação regressiva, é bastante comum no português brasileiro, como em realizações do tipo [tʃ]ia e [dʒ]ia. Ainda ancorados em Câmara Jr. (1972), os autores destacam que, sob a influência da vogal alta [i] ou do glide [j], as consoantes /t/ e /d/ podem ser palatalizadas, transformando-se nas africadas [tʃ] e [dʒ], como resultado de um processo de assimilação regressiva.

Nessa linha de entendimento, Cristófaro Silva, Barboza, Guimarães e Nascimento (2012) afirmam que algumas variedades regionais apresentam africadas e são consideradas palatalizantes, enquanto variedades nas quais essas realizações não ocorrem são consideradas não palatalizantes. Tal fenômeno representa um caso de alofonia, em que os fonemas /t/ e /d/ podem manifestar-se como os alofones [tʃ] e [dʒ] ou [t] e [d] (CRISTÓFARO SILVA et al., 2012, p. 61). Posto isso, Reis e Pacheco (2024) identificaram que a cidade de Macaúbas é marcada pelo processo de (des)palatalização, isto é, pelas variantes palatalizada e não

palatalizada em concorrência.

Diante do exposto, este estudo tem como aporte teórico a Sociofonética, uma vez que buscamos compreender como o detalhe fonético fino indexa significados sociais e/ou linguísticos ao falante no contexto em que a fala é processada. Sendo assim, buscamos responder ao seguinte questionamento: com qual das variantes — a palatalizada, como em [tʃ]ia e [dʒ]ia, ou a não palatalizada, como em [tia] e [dia] — o falante macaubense tende a se identificar? Nossa hipótese inicial é que os falantes macaubenses, mesmo diante da coocorrência dessas variantes, tendem a identificar-se predominantemente com apenas uma delas. Neste estudo, assumimos como hipótese que a variante não palatalizada seja aquela com a qual os falantes mais se identificam.

METODOLOGIA

Por envolver seres humanos, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (CAAE nº 93358925.1.0000.0055). Para a realização do estudo, foram elaborados estímulos linguísticos contendo as realizações palatalizadas e não palatalizadas das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal alta anterior /i/, inseridas em frases-veículo para controle do contexto de produção. As gravações foram produzidas por falantes de Salvador (variante com palatalização), Euclides da Cunha (variante sem palatalização), Macaúbas (com ambas as formas) e Vitória da Conquista (variante com palatalização) e organizadas em um formulário eletrônico. Os participantes macaubenses ouviram os estímulos e deveriam selecionar aqueles que consideravam mais semelhantes à sua própria forma de falar. Posteriormente, os dados foram tabulados e analisados, com o objetivo de identificar padrões de reconhecimento das variantes investigadas e compreender o papel da (des)palatalização na identidade linguística da comunidade macaubense.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção apresenta os resultados obtidos nas condições experimentais mistas da tarefa de percepção. Conforme descrito na metodologia, essas condições foram elaboradas a partir da combinação de estímulos com realizações palatalizadas e não palatalizadas das oclusivas alveolares /t/ e /d/ diante da vogal [i]. O objetivo é verificar se os falantes macaubenses são capazes de discriminar esse processo fonológico e identificar qual das

variantes é mais fortemente associada ao falar local.

Tabela 1. Frequências absolutas e percentuais de reconhecimento do falar macaubense em condições experimentais com contraste entre variantes palatalizadas e não palatalizadas.

Condição experimental	Reconhecimento estímulo macaubense	Reconhecimento estímulo concorrentes	Não discriminação
Macaúbas sem palatalização x estímulos palatalizados	12 (27, 3%)	29 (66, 0%)	3 (6,7%)
Macaúbas com palatalização x estímulos sem palatalização	8 (18,2%)	32 (72,6%)	2 (4, 5%)

Fonte: elaboração própria.

Os resultados indicam que os participantes não apresentaram sensibilidade perceptual relevante em relação às variantes palatalizadas e não palatalizadas. Em ambas as condições experimentais, o reconhecimento do estímulo efetivamente produzido por falantes macaubenses foi inferior ao reconhecimento dos estímulos concorrentes. Quando o estímulo macaubense apresentava realização não palatalizada, apenas 27,3% dos participantes o identificaram como representativo do falar local, enquanto 66,0% atribuíram essa característica aos estímulos palatalizados. De modo semelhante, quando o estímulo macaubense apresentava realização palatalizada, o reconhecimento foi de 18,2%, ao passo que 72,6% dos participantes associaram o falar macaubense aos estímulos não palatalizados.

Esses resultados sugerem que a presença ou a ausência da palatalização não constitui um critério consistente para a identificação do dialeto macaubense. Assim, a (des)palatalização não se mostra um marcador perceptualmente saliente da identidade linguística local, indicando que outros aspectos linguísticos podem desempenhar papel mais relevante nos processos de reconhecimento e discriminação dialetal.

CONCLUSÕES

Os resultados indicam que os falantes macaubenses não apresentam identificação

exclusiva com as variantes palatalizadas ou não palatalizadas, reconhecendo ambas como integrantes do repertório linguístico local. Portanto, a hipótese inicial é parcialmente confirmada, uma vez que os participantes demonstraram consciência da coexistência dessas variantes no falar macaubense.

Os dados sugerem que a (des)palatalização, embora seja um fenômeno variável presente no dialeto local, não constitui um marcador perceptualmente saliente da identidade linguística macaubense, cujo reconhecimento parece depender de um conjunto mais amplo de características linguísticas, sociais e culturais. Ademais, o estudo evidencia a importância de integrar produção e percepção nas análises sociofonéticas, contribuindo para uma compreensão mais ampla dos significados sociais associados à variação linguística.

REFERÊNCIAS

DA HORA, D.; HENRIQUE, P. F. DE L.; Processos de assimilação envolvendo as consoantes oclusivas dentais /t, d/ no portugues brasileiro**. SIGNUM: Estud. Ling**., Londrina, n. 18/1, p. 206-230, jun. 2015.

CRISTÓFARO SILVA, T.; BARBOZA, C.; GUIMARÃES, D.; NASCIMENTO, K. Revisitando a palatalização no português brasileiro. **Rev. Est. Ling.,** Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 59-89, jul./dez. 2012

REIS, S. R.; PACHECO, V.; Percepção do falar macaubense: O papel da (não) palatalização. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGIA, 2024, Vitória da Conquista. **Anais XXVIII Seminário de Iniciação Científica e Tecnológica.** Vitória da Conquista: UESB, 2024.